

## **A ponte no papel: atravessando a história de Recife nos mapas dos séculos XVII e XVIII**

**Maria Angélica da Silva**

Faculdade de Arquitetura - Universidade Federal de Alagoas

[mas@pq.cnpq.br](mailto:mas@pq.cnpq.br)

### **RESUMO**

No Nordeste Colonial, aproximaram-se duas culturas de diferentes extremidades da Europa: os portugueses e os povos dos Países Baixos, estes imbatíveis nos registros fiéis à realidade. Hoje, quando se enfatiza a iconografia como fonte histórica, detalhes, tratados através dos programas de manipulação de imagens, revelam fatos urbanísticos em vivas tonalidades e com toques de surpresa. É o caso do projeto da cidade de Maurícia, realizado por Johan Maurits of Nassau-Siegen, que incluía a primeira grande ponte construída no Brasil, que era arruada, ao modo da ponte Vecchio em Florença.

**PALAVRAS CHAVE:** Urbanismo colonial; Holandeses; Recife; cartografia comparada.

### **ABSTRACT**

In the colonial North-East Brazil, two cultures from different extremes of Europe converge - the Portuguese and the people from the Low Countries who were unsurpassed in their ability to provide a faithful record of reality. Today, when attention is being drawn to iconography as a source of historical information and its details are handled in the image manipulation programs, urban facts are being revealed characterized by vivid tonalities and surprising touches. This is the case with the project for the city of Mauricia, by Johan Maurits of Nassau-Siegen, that included the first great bridge constructed in Brazil, which consisted of a row of houses in the manner of the Ponte Vecchio in Venice.

**KEYWORDS:** colonial urbanism; dutch; Recife; compared cartography.

### **INTRODUÇÃO**

As novas tecnologias digitais têm permitido um rastreamento das informações imagéticas com um alcance enormemente ampliado. A retomada do material cartográfico a partir dos novos recursos de visualização e manipulação de imagens acaba por tornar disponível uma série de informações, reveladas em especial por pequenos detalhes, por vezes fundamentais para a compreensão dos conteúdos informativos destes mapas. Associados a estes recursos, somam-se as novas possibilidades de acesso a arquivos nacionais e internacionais promovido pela rede mundial de computadores.

Neste novo arranjo das fontes, o material cartográfico dos séculos XVII legado pelos holandeses e conhecido pelo seu apuro e precisão, acrescentado ao produzido pelos portugueses, naquele século e no seguinte, tornam-se fontes importantes de revisita, em busca de possíveis informações antes obliteradas. Tomamos como apoio e escritura confirmativa da metodologia empregada na investigação acerca de mapas e outros escritos visuais urbanos que sedimenta esta comunicação, a tentativa conjectural. Pois embora se faça o cruzamento entre imagem, fontes primárias escritas e a visita ao próprio lugar urbano na atualidade, acredita-se que em todo processo de pesquisa está incorporada a operação de levantar hipóteses e sugerir leituras, sempre plurais.

*Lire la ville suppose que l'on maîtrise l'écriture, l'abstraction du plan, le langage des pictogrammes. Les silhouettes de monuments introduisent sur les plans qu' eles ponctuent une composante figurative et constituent autant de repères visuels, qui facilitent la lecture du dessin, en mobilisant par exemple, la mémoire de l'usager familier des lieux. Ces monuments dessinés font signe, et la mimésis réintroduit le spécifique, la différence dans l'ordre du dessin topographique. Elle invinte, par métonymie, à conclure à la veracité de la carte tout entière, vérifiée dans certains de ses détails figuratifs.*<sup>1</sup>

Esta comunicação apresenta resultados de pesquisa que se detiveram sobre aspectos da implantação urbana do núcleo histórico de Recife<sup>2</sup>. Este antigo povoado, um dos primeiros da capitania de Pernambuco e hoje transformado em grande metrópole, guarda ainda sinais do passado colonial nos seus arruados e edifícios arquitetônicos.

No século XVII, sua situação geográfica e econômica fez com que fosse escolhido para sede da administração flamenga. Neste período, adquiriu o estatuto de única implantação urbana holandesa do Brasil colonial, visto a remodelação do antigo povoado original realizada pelo conde João Maurício de Nassau. Nomeado pela Companhia das Índias Ocidentais como administrador, imprime na colônia as marcas de uma outra civilização, conhecida, em termos culturais, pelo apuro no registro visual, não só através do desenvolvimento de aparelhos óticos e técnicas cartográficas, mas também pela realização de mapas, pinturas, gravuras, de excelente e precisa fatura.

Em tempos de guerra, o conde foi capaz de edificar dois palácios, dos quais nos interessa mais de perto o das Duas Torres, ou Palácio de Friburgo, visto que se posicionava próximo ao núcleo central da cidade que o conde desenhou. Apagando as ruas tortas do povoado situado na ilha de

---

<sup>1</sup> Jacob, 1992: 135.

<sup>2</sup> Tratam-se de projetos realizados pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, com o apoio do CNPq, CAPES, Fundação Calouste Gulbenkian e FAPEAL (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Alagoas) ou resultados de trabalhos finais de graduação, dissertações e tese produzidos por seus membros. A manipulação das imagens deste artigo foram realizadas por Flora Paim, bolsista PIBIC/CNPq.

Santo Antônio, abrindo canais para o rio Capibaribe atravessar ortogonalmente pela malha urbana, transforma um local de traça portuguesa em uma “cidade”<sup>3</sup> ao modo dos Países Baixos.

Os mapas registrados no livro de Barléus, humanista incumbido de relatar os feitos de João Maurício de Nassau no Brasil, mostram uma cidade ideal, com praça central, igreja, fortificações e jardim.



Figura 01: Planta da cidade de Maurícia, 1644- Cornelis Golijath, desenho de Johannes Vingboons e vista de Frans Post. Fonte: Reis Filho, 2000: 87 e Lago,2006:146.

Sobre o jardim, pequenas expressões encontradas no texto de Barléus que o compara com o de Aranjúes, importante jardim real construído no local de um antigo pavilhão de caça medieval pelo rei Felipe IV, confirmaram a expressão cartográfica remanescente do mesmo. O jardim espanhol foi montado a partir da existência de hortas, inclusive contando com os serviços de oficiais dos Países Baixos para a sua viabilização. O jardim de Nassau, nas mais variadas partes, tinha função de prover de recursos alimentícios a nova cidade de Maurícia. Tratava-se de importante medida em tempos de guerras e invasões. Também como as hortas, alimentava-se fartamente de água, abundante naqueles

<sup>3</sup> É sob esta condição que o local é denominado nas fontes seiscentistas.

terrenos alagados, que corriam em todas as suas áreas, através dos canais traçados por dentro do jardim.

Através das imagens seiscentistas foi possível mapear com certa eficiência os espaços deste jardim que em sua generosa área, unia as funções contemplativas e de produção. Sabendo-se da vocação ilustrada de Nassau, que o levava a compreender um jardim não como pedaço de natureza mas ação concentrada dos homens, e portanto, artifício, tal qual nas Províncias Unidas; amparados pelos mapas foi possível reconhecer na obra do conde, um jardim comprometido com a produção de conhecimento e a eficiência os espaços. Sem o testemunho concreto de suas reminiscências materiais, este foi surgindo exclusivamente através do cruzamento de relatos históricos, de detalhes de pinturas e dados compilados por publicações sobre História Natural realizadas também nesta época, através de George Marcgrave e Willem Piso, que acompanharam Nassau na viagem ao Novo Mundo<sup>4</sup>. No jardim e na praça central da cidade destacam-se os coqueiros, que podem ser tomados como a espécie vegetal emblemática da obra paisagística nassoviana.

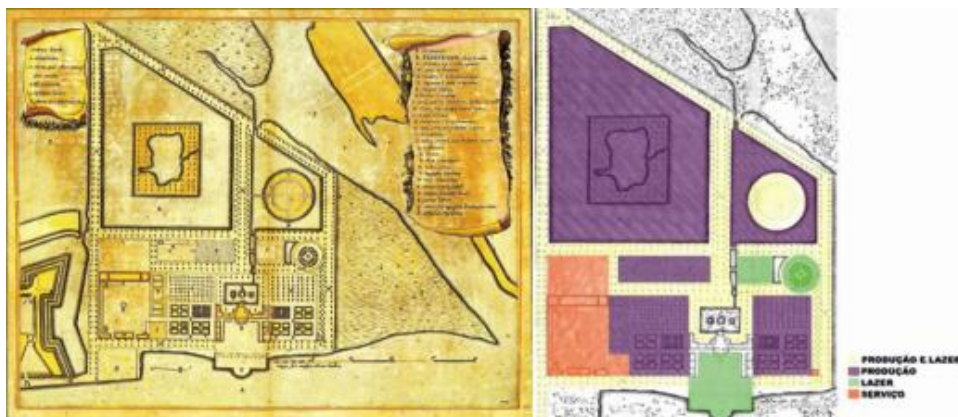


Figura 02: O jardim de Nassau, detalhe da planta apresentada em Barléus e infográfico mostrando os usos do jardim. Fonte: Reis Filho, p.91.

Mas era preciso vencer as limitações de ilha postas para a cidade. Era fundamental que Maurícia tivesse sua área ampliada, unindo-se ao istmo à sua frente, onde se localizava o porto. Para isto, demandava-se a construção de uma ponte. Este fato ficou amplamente registrado nas fontes e o feito celebrado como mais uma grande obra de João Maurício de Nassau. Frei Manuel Calado, habitante de Maurícia, deixou registrado o seguinte depoimento:

<sup>4</sup> Sobre este jardim, ver SILVA& ALCIDES, 2002.

Mandaram os flamengos fazer uma ponte, que atravessava o rio Capibaribe da Cidade Maurícia para o Recife, por escusar o grande incômodo que havia de passar em batéis de uma parte para outra, e até o meio do rio, que se fez de pilares de pedra de cantaria, custou por contrato noventa mil cruzados, e a outra metade se fez de pilares de pau mui grossos, e fixos, e de tal casta, que não apodrece a tal madeira na água, mas antes reverdece, a qual madeira se chama Baibiraba. Esta ponte se fez à custa de todos os moradores com palavra dada que a passagem seria livre...<sup>5</sup>

A ponte, enquanto grande feito urbano realizado pelo conde, foi celebrada com a fixação das armas do príncipe de Orange e da casa de Nassau esculpidas em dourado e prata. Do outro lado deste emblema, registrava-se o autor e a data do feito: João Maurício, em 1640<sup>6</sup>. Mandaram-lhe fazer portas de uma e de outra parte, e puseram nelas soldados. A porta, pelo menos do lado de Maurícia, já se via em pintura anterior à construção da ponte, mas já lhe dando um direcionamento.



Figura 03: Detalhe da porta, praça e área ajardinada – Frans Post. Fonte: Lago, 2006:146.

A estrutura com dupla solução é confirmada na iconografia seiscentista.

<sup>5</sup> CALADO, Frei Manoel, *O Valoroso Lucideno e Triunfo da Liberdade*. Recife; FUNDARPE, 1985: 272, v.1

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, 242-243.



Figura 04: A ponte e sua estrutura. Fonte: Reis Filho, 2000:92.

O fato da ponte ter sido muito onerosa, levou Nassau a montar uma estratégia para suavizar o custo do empreendimento. Ocorre então o famoso episódio do boi voador, que segue reproduzido nas próprias palavras do frei Manuel Calado.

E para o primeiro dia que a gente havia de passar por a ponte grande para o Recife, ordenou o Príncipe uma festa, e convidou aos do supremo Concelho a comer; e a festa foi que mandou esfolar um boi inteiro, e encher-lhe a pele de herva seca, e o pôs encoberto no alto de uma galeria que tinha edificada no seu jardim; e logo pediu a Melchior Alures emprestado um boi muito manso, que tinha; o qual como se fora um cachorro andava entrando por as casas, e o fez subir ao alto da galeria, e depois de visto do grande concurso de gente que ali se ajuntou, o mandou meter dentro em um aposento, e dali tiraram o outro couro de boi cheio de palha o fizeram vir voando por umas cordas com um engenho, e a gente rude ficou admirada, e muito mais a prudente, vendo que com aquela traça ajuntara ali o Conde de Nassau tanta gente para a fazer passar por a ponte, e tirar aquela tarde grande ganância, e tanta gente passou de uma para outra parte, que naquela tarde rendeu a ponte mil, e oitocentos florins, não pagando cada pessoa mais que duas placas à ida, e duas à vinda.<sup>7</sup>

O episódio pitoresco fica ligado ao tema da ponte, que prossegue a sua existência mesmo depois do ocaso da presença holandesa. É possível alcançar mais um estágio da sua história quase um século depois, com um outro registro cartográfico, ou seja, uma carta desenhada pelo padre José Caetano, no ano de 1759, denominada “Prospecto da Villa do Recife”. Foi através da observação deste prospecto e de mapas da época que se confirmou o fato da antiga ponte holandesa ter-se

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 243.

tornado uma ponte arruada, ou seja, que combinava a função de passagem à de dar suporte a acomodações como lojas, depósitos ou residências<sup>8</sup>.

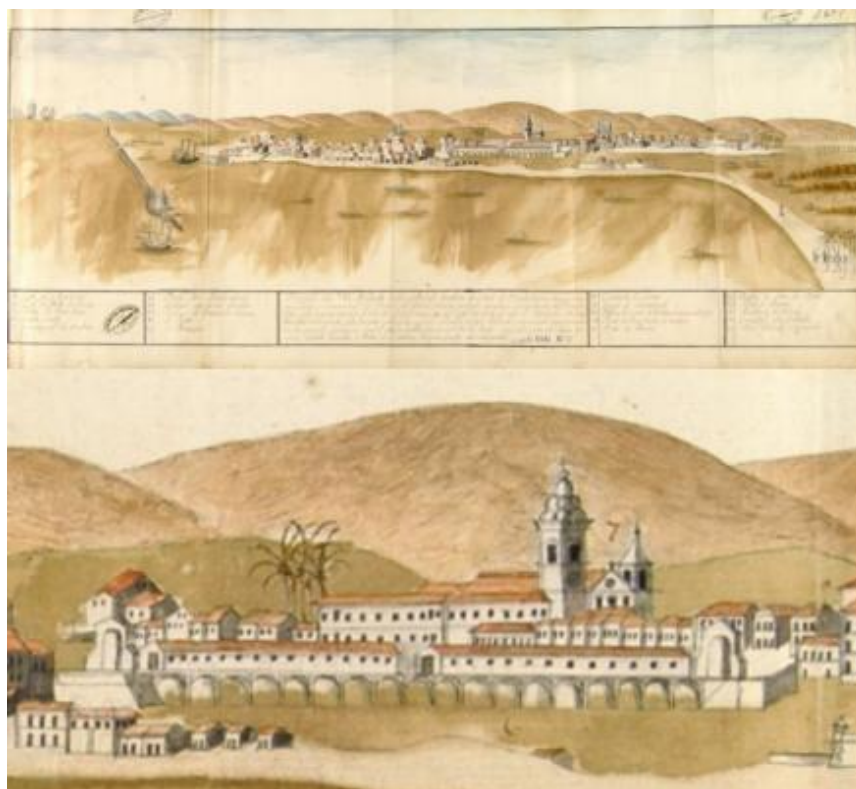


Figura 05: Mapa de José Caetano e detalhe mostrando a ponte. Fonte: Original da Biblioteca Nacional.

Pontes deste tipo existiram na Europa a partir da Idade Média, em especial atendendo a demandas por mais espaço no interior da malha urbana, usualmente constrangida dentro dos contornos das muralhas<sup>9</sup>.

As informações apresentadas no desenho são confirmadas por relatos do século XVIII. Destaca-se a descrição encontrada no livro de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão. Este frade é incumbido da tarefa de escrever as crônicas franciscanas em 1752, portanto data muito próxima da produção do mapa de José Caetano. Na sua famosa obra, ao mencionar o convento de Recife situado na ponta da ilha, acaba por trazer informações interessantes sobre a ponte.

<sup>8</sup> Nestor Goulart, ao comentar esta imagem, menciona apenas uma ponte coberta. Ver: REIS FILHO, 2000:339.

<sup>9</sup> Sobre este tema, ver MURRAY, Peter & STEVENS, MaryAnne, 1996, livro que traz vários exemplos de pontes deste tipo construídas em vários países da Europa, com destaque para Paris, Londres e a famosa ponte Del Vecchio em Florença.

Por huma ponte de alguãs cem braças de distancia, e quarenta palmos de largo, fundada, parte sobre grossos pillares de pedra, obra do Olandez e parte em outros, fabricados em fortes esteyos de madeira incorruptivel, arruada por ambos os lados com sessenta e quatro cazas, trinta e duas por banda, que consta cada huã de sua camera, e loge, com balcaõ de dez palmos de fundo todas, e tres braças de comprido loge e caza, obra do incansável cuidado do seo Governador Henrique Luiz, e a despeza do mesmo Povo, se communica com o do Reciffe o Bayrro de S. Antonio <sup>10</sup>.

Inicialmente descreve a ponte arruada e apresenta o número de casas, que difere do representado no desenho de José Caetano, pelo menos no ângulo da perspectiva, que permite ver blocos de 15 e 12 casas, o que daria um conjunto de 27 de cada lado.

Tem a Ponte ao entrar de ambas as partes, depois de huã como plata-fórma com seo lagedo de pedra de cantaria, assentados sobre o paredão, que serve de muralha ou cais ás agoas do Rio, dous grandes, e vistosos arcos todos da mesma cantaria lavrada, e no entremeyo do arco, e o seo remate seos nichos de pedra de moldura, em que se veneraõ collocadas huã Imagem da Senhora da Conceição da parte e entrada do Reciffe, buscada com a maior devoção de todo aquelle Povo de ambas as Povoações, e ainda das de fóra, pelos muitos milagres obrados em seo beneficio, e os publicão as insignias de quadros, pés, braços, muletas, e outras varias pendentes, como troféos da piedade da Senhora por todo o arco, e pavimento delle. No outro arco da parte de S. Antonio, e no seu nicho está collocada a Imagem do mesmo Santo e taõbem pelo seo âmbito alguns quadros e outras insignias, que mostraõ particulares favores feitos aos seos devotos; porque em toda a parte he milagrozo este Santo <sup>11</sup>.

A ponte inclui, na área central do seu comprimento, espaço para o descanso do transeunte, que aparece também no prospecto do padre José Caetano.

Entrando por estes dous arcos, assim de huã, como de outra parte, logo ao seo pé, e paredão do Rio começa o soalhado da ponte, ficando entre os arcos, e o principio das cazas e Rua, hum espaço, como de tres braças limpo, com grade de páo em modo de varanda pelas faces que cahem sobre as agoas, e banco por ambas que servem de assento aos soldados, que de huã e outra parte estaõ de guarda e sentinella, servindo de armazem a estes as primeiras cazinhas de cada huã das quatro Ruas, e seos principios ao entrar, ou por huã ou por outra parte. Por ambas continuaõ as cazas, e Rua com vinte palmos de largo, e desaseis cazinhas por banda athe o meyo da ponte, e alli faz outro páteo de alguãs seis braças de distancia, com os mesmos assentos, e varandas de grades á margem, para os que alli se quizerem deter ou descansar <sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> JABOATÃO, 1980:457-458.

<sup>11</sup> Idem, p. 458.

<sup>12</sup> Idem, ibidem.



A ponte antes desenhada, vai confirmando, pelo registro textual, o que a imagem apresentara: tinha por volta de 220 por 8,80 metros de largura, emoldurava-se por dois arcos de cantaria: do lado de Maurícia, o arco de Santo Antônio, na outra extremidade, o de Nossa Senhora da Conceição. Como as portas das muralhas medievais, estes arcos tornavam-se passagens abençoadas pelos santos, portanto, locais de expressão de religiosidade, de festa e comemoração e agradecimento, com a presença dos ex-votos. Santo Antônio e Nossa Senhora da Conceição, posicionados naquelas fronteiras, ganhavam guarita e ao mesmo tempo em que funcionavam como guardiões.

Outra descrição pode ser extraída da obra Domingos Loreto Couto que, em obra concluída em 1757, comenta o estado das obras de Nassau àquela altura. Confirma a sobrevivência do palácio mas não tece nenhum comentário sobre o jardim. Há um certo ruído no contraponto entre o texto e a narrativa visual do prospecto, pois enquanto o livro celebra o palácio, o desenho o representa ao longe, mas com informação na legenda dizendo-o arruinado. Na área do jardim apenas surgem alguns coqueiros.

Tem por corôa no principio da sua circunvallação o magnífico Palacio dos Illm.os, e Exm.os Senhores Governadores, e Capitaens Generaes, que com tres quadras, e duas excellentes torres representa magestade e grandeza.<sup>13</sup>

Sobre a ponte, o mesmo autor referenda as informações trazidas por Jaboatão:

Divide se o Reciffe, da povoação de S. Antonio pelo Rio reunido por hua magestosa, e soberba ponte, que sobre si sustenta seccenta casas de pedra, e cal, e nellas seccenta logeas de mercadores na longitude de trezentos passos, com arcos de maravilhosa architectura nas duas entradas della. Toda esta pomposa maquina está assentadas sobre dous espaçosos e fortes caes de cantaria, quatorze pilares de pedra e columnas de groços e incorruptíveis madeiros.<sup>14</sup>

Em outra planta de cerca de 1760, portanto quase contemporânea à de José Caetano, construído com pequenos ícones, observa-se a ponte ainda arruada, a área livre da antiga praça, e o palácio na ponta da ilha. Nesta planta encontra-se mais visível os dois arcos, compondo as duas entradas da ponte.

---

<sup>13</sup> Couto, 1981: 156.

<sup>14</sup> Idem, ibidem, 155.



Figura 06: A ponte em 1760- Detalhe de carta sem título. Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar, Lisboa. Fonte:Reis Filho, 2000:98.

Curiosamente, o palácio de Friburgo está no cerne da primeira iniciativa que se conhece visando a proteção dos monumentos históricos no Brasil. D. André de Melo e Castro, conde de Galveias, vice-rei do Estado do Brasil, escreve carta enviada em 5 de abril de 1742 colocando-se a favor da proteção do chamado Palácio das Duas Torres, que estava sob ameaça de demolição pelo governador de Pernambuco para alocar ali quartéis.

Pelo que respeita aos Quartéis que se pretendem mudar para o Palácio das duas Torres, obra do conde Maurício de Nassau, em que os Governadores fazem a sua assistência, me lastimo muito que se haja de entregar ao uso violento e pouco cuidadoso dos soldados, que em pouco tempo reduzirão aquela fábrica a uma total dissolução, mas ainda me lastima mais que, com ela, se arruinará também uma memória que mudamente estava recomendando à posteridade as ilustres e famosas ações que obraram os Portugueses na Restauração dessa Capitania.<sup>15</sup>

Prossegue comparando as antigas edificações a “livros que falam, sem que seja necessário o lê-los” (idem, ibidem).

A ponte arruada de Recife prosseguiu sua jornada mas décadas depois, no “Panorama de Pernambuco”, realizado entre 1826 e 1832 e publicado por Johann Steinmann, pode-se vê-la

<sup>15</sup> Documento reproduzido na coletânea Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória, 1980.

transformada. Em uma cena onde já se encontram desaparecidos o jardim e o palácio de Nassau, a praça, destituída de coqueiros, ampliou-se com possível aterramento e a ponte, não mais arruada, apenas mantém seus arcos. A panorâmica revela o local do palácio e do jardim totalmente arrasados. O perfil da ilha não revela nenhum sinal de vegetação.



Figura 07: Trecho do “Panorama de Pernambuco”. Fonte: Belluzzo, 1995, v. 3, p.54.

Comparando a situação registrada pelo mapa seiscentista e a conformação da cidade de Recife hoje, é possível confirmar certas permanências, como de trechos de rua e edificações, além da vocação da área do palácio que ainda é ocupada pelo antigo prédio do governo e por seus jardins. Uma larga faixa de aterro transformou a fisionomia em planta da ilha mas a ponte permanece ligando as duas partes da cidade dentro de um eixo semelhante.

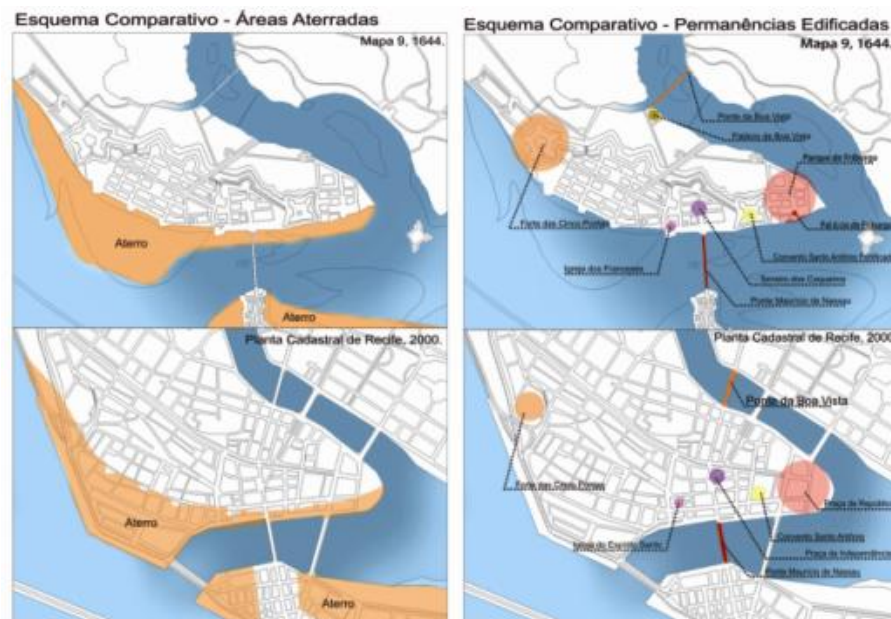


Figura 08: Infográficos mostrando aterros e permanências edificadas no contexto da antiga cidade de Maurícia. Fonte: Cerrullo, 2006: 31-32.



Figura 09: Vista aérea da cidade de Recife com marcação da antiga área do palácio e jardim e ponte atual. Fonte da imagem aérea: FIDEM.

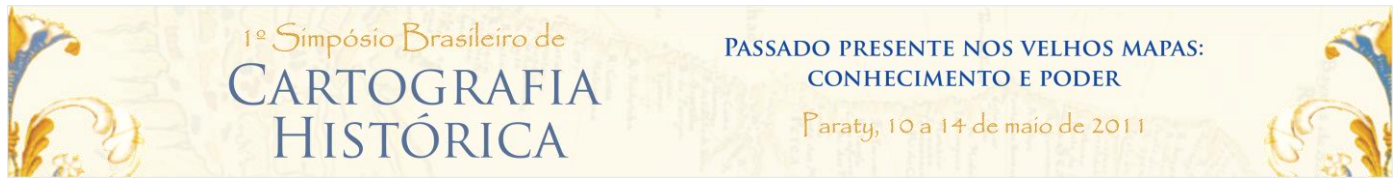
Mapas são formas de dicionário, enciclopédias visuais. Cada retorno ao seu mundo grafado e escrito, permite que possamos extrair algum novo conteúdo, reconfigurando sua importância para o pesquisador. Não é difícil olhar para o mar nordestino e imaginá-lo um mar de Vingboons, embora este gravurista nunca tenha vindo ao Brasil. Ou seja, a fidelidade às vezes constrói suas próprias armadilhas. Mas tais perigos fazem parte dos desvelos metodológicos que a aventura pelos mapas coloca à nossa frente. A ponte arruada, esquecida em relatos e no detalhe do desenho, permite imaginarmos o centro de Recife outro, emblemático pela passagem que permitia o acesso a duas partes do mesmo lugar urbano, mas impregnado pelo comércio e outras atividades operativas que a ponte facultava. Possibilidade de passagem, as pontes, como as imagens permitem acessos, abrem fronteiras, intercambiam mundos.



Figura 10: Vista da atual ponte Maurício de Nassau. Fonte: foto de Flávia Cerullo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARLEU, Gaspar, *História dos feitos recentemente praticados durante 8 anos no Brasil*. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia & EDUSP, 1974.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes, *The voyager's Brazil*. São Paulo: Metalivros, 1995, 3v.
- CERULLO, Flávia. *As águas do Capibaribe e os movimentos da paisagem urbana do Recife*, (trabalho de finalização de curso), Maceió: Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Alagoas, 2006.
- COUTO, Domingos Loreto, *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.
- JABOATÃO, Fr. Antonio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico, ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil*. Recife: Assembléia Legislativa do Estado, 1980, vol. 2.
- JACOB, Christian, *L'empire des cartes - approche théorique de la cartographie à travers l'histoire*. Paris: Éditions Albin Michel, 1992.
- LAGO, Pedro Corrêa do & LAGO, Bia do, *Frans Post -1612-1680*, Rio de Janeiro:Capivara, 2006.
- MURRAY, Peter & STEVENS, MaryAnne, *Living Bridges*, Londres: Royal Academy of Arts & Prestel-Verlag, 1996.



Proteção e revitalização do patrimônio cultural no Brasil: uma trajetória. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1980.

REIS FILHO, Nestor Goulart, “Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial, São Paulo: USP Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, Maria Angélica da & ALCIDES, Melissa Mota, “Collecting and framing the wilderness: The garden of Johan Maurtis (1604-79) in North-East Brazil”, in Garden History, Londres: Garden History Society, 2002.